

Lobby judeu, pilar do apoio político e financeiro dos EUA a Israel

Desde a data da sua criação, Israel tem contado com o apoio incondicional da comunidade judaica dos Estados Unidos. Esta hegemonia está, no entanto, a ser ameaçada com a chegada de uma nova geração, menos convencida do risco de aniquilação do Estado hebreu. Ainda no passado mês de Abril, nasceu um [novo](#) lobby em Washington. Denominado "J-Street", o objectivo deste grupo passa, segundo a sua página na Internet, "mudar a política americana no Médio Oriente" e promover "um amplo debate sobre o papel dos Estados Unidos" na região. "O J-street representa os americanos, na sua maioria, mas não exclusivamente judeus, que apoiam tanto Israel e a sua aspiração de segurança como pátria dos judeus, como o direito dos palestinianos a um Estado soberano, ou seja, a favor de dois Estados coexistindo em segurança", afirmou ao jornal "Jerusalém Post" o director executivo desta organização, Jeremy Ben-Ami, ex-colaborador do democrata Bill Clinton, quando este era presidente dos Estados Unidos.

O grupo considera, em particular, que a decisão de invadir o Iraque foi um erro, que as ameaças contra o Irão são contraproducentes e preconiza um acordo de paz entre Israel e a Síria. Este lobby aspira a ser uma alternativa ao todo poderoso Aipac, o American Israel Public Affairs Committee, criado há 50 anos em Washington, encarregado de influenciar o Congresso e considerado pelos seus críticos como o instrumento que durante décadas forjou a política externa americana no Médio Oriente.

Em Setembro do ano passado, Abraham Foxman, director da Liga Anti-difamação (Anti-Defamation League) e um dos porta-vozes do Aipac, protestou energicamente contra a publicação do polémico livro "The Israel Lobby and US Foreign Policy", cujos autores, John Mearsheimer e Stephen Walt, consideram que o apoio dos Estados Unidos a Israel não se baseia em questões estratégicas mas sim na pressão dos 'lobbies' judeus de direita e dos grupos cristãos fundamentalistas favoráveis ao sionismo.

"O Aipac não é uma organização oficial, não recebe ordens de Israel. Esse livro é anti-semita, defendendo que os lobbies judeus controlam o Congresso e o governo americano", afirma Foxman, autor de "The Deadliest Lies: The Israel Lobby and the Myth of Jewish Control", que defende uma linha contrária.

"Há muitos outros 'lobbies' em Washington: o 'lobby' saudita, o 'lobby' grego, o 'lobby' das armas. Temos o direito de gastar 5% do nosso orçamento com 'lobbying, não existe nada de errado com isso e não há motivo para falar de conspiração", sublinha.

"A base da opinião pública judaica americana ao seu apoio a Israel provém do Holocausto e da ideia de que, sem apoio, Israel corre perigo de desaparecer do mapa", destaca Jonathan Goldberg, director editorial do jornal judaico-americano "The Forward", que publica 30 mil exemplares em inglês e menos de 10 mil em iídiche.

"Hoje em dia, um número crescente de judeus pensa que a ameaça de eliminação do Estado de Israel é exagerada, pelo que a ideia (de Estado) em perigo pode desaparecer dentro de 20 anos", acrescenta Goldberg. "Por outro lado, ao [passo](#) que apenas 10 por cento dos casamentos judaicos eram mistos em 1940, hoje em dia representam cerca de 50 por cento".